REVISTA
DE
Arte e critica
SERIE 1.ª
Fasciculo n.º 11

AVE-AZUL

DIRECTORES:
Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE NOVEMBRO DE 1899

CHRONICA

UMA carta do sr. Sousa Sampaio, a que já alludi, obriga-me a voltar ao assumpto da minha penultima chronica sobre a emancipação da mulher.

Nella me esforçara eu por bem mostrar a todo o coração generoso e a todo o esclarecido espirito a actual situação, tão humilhante, tão vexatoria, tão dolorosa, em summa, d'essa enorme legião de mulheres, sem dote e sem esposo, obrigadas a viver d'um trabalho que não as liberta da miseria ou a comer o pão infamante da degradação a que arrastaram o corpo, e, as mais das vezes, a alma tambem.

Não fiz *feminismo,* essa coisa terrivel que atemorisa ainda muita gente por lhe não conhecer, ou por lhe não querer conhecer, bem todo o alcance: não fiz *feminismo;* fiz humanitarismo, simplesmente.

E' para os paes de familia que eu appello: para os que vivem do seu trabalho — o maior numero — e que vêem á sua roda umas poucas de filhinhas a quem não poderão salvaguar-

dar das emboscadas do mundo, dotando-as: — é para esses paes de familia que eu appello...

O que será das vossas filhas, d'esses queridos amores, ignorantes do que seja fome, do que sejam privações — se *elle*, o esperado, o desejado, o almejado esposo, não vier substituir-vos, a vós que lhe haveis de faltar um dia sem lhe poderdes deixar o pão e os confortos a que estavam habituadas?!...

Ah! que receios, que amarguras,—pois não é verdade que vos assusta e vos amargura a incerteza do destino das vossas filhas?...—que receios, que amarguras e que dias negros, ralados, e que noites brancas, veladas!

Mas, se as fabricas, se as officinas, se os empregos publicos — a medicina, o fôro, as carreiras civis, em summa — lhe fossem, como ao homem, facultadas, passaria a questão do casamento a ser secundaria para vós, e descançados poderieis viver e poderieis morrer descançados, na consoladora certeza de que as vossas filhas, educadas nos principios d'honra que lhe houvesseis incutido, tinham, na garantia d'um trabalho honesto, o preservativo mais efficaz contra as seducções do mundo.

E nisto — em libertar, em independentar pelo trabalho os milhões de desherdadas a quem nenhum homem lealmente offereça o seu braço para apoio nas luctas da vida — se resume todo o meu feminismo, se assim lhe quizerem chamar, e se resume afinal todo o feminismo bem entendido e sensatamente esclarecido.

Uma questão de pão e uma questão de dignidade: libertal-as da fome e libertal-as da ignominia: — em que pode isto ser mau? como é que d'isto pode advir mal á mulher? Por ventura a mulher que hoje vive do seu trabalho não é, na generalidade ao menos, digna e honesta? e como não ser assim, se está mais que provado ser a miseria a causa principal do seu aviltamento?

A miseria... e o embrutecimento.

Aperta o coração ver, na gente de baixa condição, ignorante e miseravel, tantas creaturas sem a mais pequena no-

ção do que seja honra, dignidade e respeito de si proprias, deixarem-se infamemente seduzir, levadas num arrastamento, numa fascinação, numa abominavel inconsciencia, como que num cego fetichismo d'*elle*, do homem, do senhor, do superior...

Dolorosissimo!

Que situação pode ser mais nefasta á mulher do que esta degradante situação? como é que podem a instrucção e o trabalho crear-lhes uma existencia mais deprimente ainda do que esta? que terão ellas ainda que perder, que alguma coisa valha, para não se quererem afoitar a uma mudança, seja ella qual fôr?

Mas ha ainda espiritos de boa fé (que dos outros não me quero eu aqui occupar) que julgam a emancipação da mulher prejudicial para ella propria, levados talvez, inconscientemente,—eu sei!—por opiniões, ou interessadas ou mal intencionadas, que de ha muito veem bradando contra este nobre ideal tão cheio de humanidade, falsificando-o e deturpando-o, esforçando-se, em vão, por tornal-o ridiculo, grotesco e desmoralisador, para que ninguem vá até encontrar-lhe o radioso e profundissimo alcance.

E enganados, illudidos, esses espiritos nem chegam a comprehender sequer o verdadeiro significado d'estas duas palavras afinal tão claras:—emancipação feminina. Obstinam-se em suppor que emancipar a mulher é masculinisal-a, é rebaixal-a, é desmoralisal-a, é inverter respectivos misteres, decretar a supremacia da mulher sobre o homem... e tudo o mais que nem eu sei!

Santo Deus! emancipar a mulher da tutella do homem, sim; mas para conseguintemente a emancipar da miseria, da ignorancia e da degradação. Emancipar a mulher da tutella do homem, sim; mas para fazer d'ella o que ella hoje não é: —um ser intelligente e activo, consciente e independente, sabendo pensar e sabendo querer, bastando a si mesma e a si mesma se completando, conscia dos seus direitos e mais conscia ainda dos seus deveres, zeladora da sua honra finalmen-

te como de coisa que lhe é propria. Emancipar a mulher da tutella do homem, repito: mas para que ella se torne, quanto ser possa, credora da sua confiança e da sua estima e seja assim no lar a companheira que o homem precisa e que tantas vezes—nem sempre sem razão—se queixa amargamente de não encontrar; e emancipal-a sobretudo para que ella possa, quando solteira, ganhar honradamente o seu pão e, quando viuva, não veja morrer á fome os filhos do seu amor.

Isto o que o feminismo pretende: pôr a mulher em condições de viver dignamente na sociedade, por meio do seu trabalho, sem precisar d'um homem que a mantenha; independental-a do homem, material, moral e intellectualmente, de maneira a ella poder ir para o casamento livremente, conscientemente, deixando este de ser para ella o meio de obter o pão, uma posição, um arrumo,—ou, menos ainda do que isso, um estado em que ella tem quem a represente, quem lhe dê a consideração que ella vê que fóra d'elle nem sempre gosa.

Será isto ridiculo, grotesco, immoral?

Immoral sei eu que é esta subserviencia, esta sujeição da mulher ao homem que a arrasta na lama de todas as vergonhas e que a despresa—que a despresa apesar da sua galanteria á flor dos labios—precisamente por a sua ignorancia, por a sua inconsciencia, por essa mesma lama em que o seu capricho a obrigou a enterrar-se.

Mas nunca a instrucção desmoralisou ninguem; nunca a ninguem desmoralisou o trabalho: a instrucção—que rasga os veus da intelligencia e dá força á voz interior que nos falla e nos guia para o Bem; o trabalho—que livra de maus pensamentos e espanca a fome, a instigadora mais terrivel de todos os vicios, a contaminadora mais perniciosa de todas as consciencias.

Não me faltariam, se d'ellas quizesse lançar mão, auctoridades em abono d'estas ideas: agora, porem, só quero citar uma novella—de estudo social; esclareço, para os que por ventura se riam de me verem citar uma novella...—recen-

temente publicada, d'um romancista americano, parece, Maximo Soto Hall: o *El Problema*, que mereceu ao illustre publicista sr. Teixeira Bastos um largo e judicioso artigo no *Seculo*.

Nesse romance, depois de nos dizer que a mulher latina é *casi um niño*, precisando de casar para ter quem a ampare, para ter, por assim dizer, o seu complemento perante a sociedade, o auctor declara peremptoriamente que é por ser educada d'um modo contrario que a mulher, entre os saxões, está mais e melhor que nos povos latinos preparada para as funcções e deveres da maternidade; e conclue por affirmar que a solução do *problema* — a differença das raças europea e americana — está unica e simplesmente na educação phisica, moral e intellectual do homem e da mulher — e não menos d'esta que d'aquelle.

E pois que, muito provavelmente, para os homens equilibrados, praticos, positivos, do nosso tempo e do nosso meio, a opinião d'uma mulher é desauctorisada e é desattendida a voz d'uma mulher, esta e aquella merecendo-lhes quando muito um compassivo sorriso do alto do seu desdem olympico, ahi lhes fica essa opinião d'um homem, que é tambem pratico, que é positivo tambem, mas a seu modo, para que a meditem e lhe tirem os devidos corollarios.

Saberão assim, quando fallarem da leviandade, futilidade e inconsciencia femininas, a quem devem exprobal-as, de quem têem que se queixar...

Porque — diga-se mais uma vez, que nunca será demais! — se a mulher portugueza (e refiro-me á mulher portugueza por ser a que melhor conheço; não porque seja ella a mais digna de censuras; pelo contrario...) se a mulher portugueza nem sempre se mostra á altura dos deveres quotidianos que lhe incumbem e só por excepção se revela capaz de grandes heroismos e acendradas virtudes, não é, não, porque lhe falte a disposição natural; mas unicamente porque, longe de lh'a desenvolverem, lh'a atrophiam ou, o que é peor ainda, lh'a desvirtuam.

Aqui tenho eu á mão — d'uma illustre escriptora nossa, a sr.ª D. Alice Pestana — o livro *La femme et la Paix*, onde esta verdade se encontra detalhadamente demonstrada num largo e preciosissimo capitulo, o ultimo: de lá traduzo essas poucas linhas, não para que as minhas leitoras com ellas se desvaneçam, mas para que os meus leitores, se acaso os tenho, d'oravante sejam mais indulgentes — e mais justos tambem:

—«Oh! a boa, a doce e simples portugueza! Dil-a-iamos «uma mulher feita para amar e ser amada.

«E é este realmente o maior elogio que da sua intelligen-«cia fazer posso. Porque, na verdade, para bem amar, no «sentido nobre do termo, preciso se torna ser intellectual. E «ella é-o, de natureza, a mulher portugueza. Confirma por «completo a expressão do seu olhar avelludado, esse magne-«tico olhar que diz tão discretamente — *bondade, ternura, in-«telligencia.*

E aqui está por que todo o meu feminismo — se á exposição d'estas minhas ideias tal nome cabe — todo se reduz, e repito-o para que não o esqueçam, a estas duas palavras: *instrucção, educação;* duas palavras que ainda numa só se podem syntethisar: *emancipação.*

Ah! se todos vissem como eu vejo, numa deslumbrante visão do meu espirito sequioso da verdadeira fraternidade, o que seria na sociedade e o que seria no lar, junto do esposo e dos filhos, essa mulher tão differente da mulher d'hoje, desabrochadas em fructos opimos as suas qualidades de desinteresse, de heroismo e de abnegação ao calor da estima verdadeira, do verdadeiro respeito e do verdadeiro culto que o homem se veria forçado a prestar-lhe por dever de justiça!

Então sim, que no lar ella seria, em verdade, o *Sorriso*, a *Rainha*, o *Anjo;* sorriso a perfumal-o com a sua ternura; rainha a governal-o com o seu sceptro d'amor; anjo a protegel-o com a sua aza de pureza. Mas hoje...

Hoje, com a sua instrucção nulla ou deficientissima, a sua pessima orientação, a sua dependencia moral e phisica, a ne-

nhuma consciencia do seu valor e o pouco valor da sua consciencia, a mulher está longe de ser sequer uma sombra de tudo isso, e mais longe ainda de como tal ser considerada, na realidade, pelo homem. Não pode ser considerada pelo homem *Anjo, Rainha* ou *Sorriso* a mulher a quem elle só e por muito favor (quando o favorecido é elle, afinal) confia os cuidados materiaes da casa e dos filhos; a mulher de quem o homem não faz sua companheira espiritual, confidente e participante intelligente e discreta dos seus ideaes e das suas aspirações, por a considerar, diga-se a verdade nua e crua, inapta para tudo quanto seja d'ordem elevada, transcendente.

A *Rainha,* o *Anjo*...

Mas como é que, ao passo que a chrisma com todos esses bellos epithetos, o homem afinal se queixa tão amargamente de que a mulher não é o que devia ser; e — symptoma mais frisante ainda! — vae fugindo cada vez mais de a tomar por esposa, sob pretexto (na maior parte dos casos pretexto simplesmente para mascarar o seu egoismo...) sob pretexto de que receia ir encontrar uma coisa muito differente d'esse *Anjo,* d'essa *Rainha,* d'essa consoladora de amarguras...

Valha-nos Deus! que as mulheres saibam bem a que ater-se; e comprehendam que essas palavras, puramente convencionaes, quando não refinadamente hipocritas, encobrem, quasi sempre, ou um pallido bocejo ou um sorriso ironico, sempre um encolher d'hombros indifferente e incredulo; e raras, muito raras vezes, são o que deviam ser nos labios ou na penna de quem as profere ou as escreve: — a fidelissima expressão d'um modo de pensar e de sentir.

Todas essas bellas palavras — reliquias da galanteria medieval, ainda hoje anachronicamente usadas por quem já não sabe, não pode nem quer sentir o que ellas outr'ora significavam — são, ai de mim! o prato de lentilhas por que nós, pobres ingenuas, trocamos o direito á vida de espirito que os homens converteram em seu morgadio.

Portanto, para longe o fingido conceito da superioridade, aliás platonica, da mulher, e não para menos longe a convic-

ção, de resto infundada, da sua positiva inferioridade:—a mulher não vale mais, em theoria, nem menos, na pratica, do que o homem: o que é preciso é que valha tanto; é que valha o mesmo: d'isto nos devemos convençer e combinar nesse sentido todos os elementos, todos os esforços, todos os meios: e, em boa verdade, outros me não occorrem senão reformar a instrucção e a educação da mulher: e, já agora—se bem que fóra do meu assumpto—direi que tambem reformar a educação e a instrucção do homem. Não para que se hostilisem, não; mas antes para que fraternisem; para que, por assim dizer, se unifiquem na demanda do melhor, do que ha-de vir—do Ideal.

E não receiem que depois as amem menos os homens ou, como muitos asseguram, as deixem mesmo de amar; não o receiem! Que, de resto, o amor d'hoje, em regra,—se é amor isso que para ahi oiço apregoar com tal nome—é do amor apenas o cadaver; e, o que é peor, como o de Lazaro, tambem o cadaver do amor já cheira mal: corrompido, corrompe: ai de quem a elle se abrace! começará por sentir nauseas: acabará por lhe partilhar do esphacello. E pois, não ha por que ter-lhe apego: moeda falsa—só incautas se deixam deslumbrar pelo apparente brilho... para depois se prantearem desilludidas.

Podem, assim, tentar a experiencia: sem risco: como quem nada perde com o mau exito.

E verão, vel-o-ão por sem duvida, que longe dê deixarem de as amar, ou sequer de as amarem menos, hão-de os homens amal-as mais ainda e, o que ainda vale mais, amal-as melhor, que é o essencial.

Porque, quanto mais o homem lhes sinta palpitar, livre, no peito um coração; trabalhar, seguro, no craneo um cerebro; vibrar, bem timbrada, em todo o ser uma consciencia: quanto mais independentes e dignificadas o homem as reconheça; tanto mais puras serão as flores que elle lhes desfolhe aos pés; tanto mais sinceras as homenagens que nas mãos

lhes deponha; e, sobretudo, tanto mais duradoiros os sentimento d'amor que lhes consagre.

A admiração, alguem o disse, é um passo para o amor: façam-se as mulheres admirar: e ter-se-ão feito amar. Mas não admirar só pelas galas futeis da toilette ou pelos encantos dos dotes phisicos—pela elegancia, pela belleza e pela graça: isso, quando entre em linha de conta, seja como accessorio e não como essencia, como fundamento: façam-se admirar principalmente pelos brilhos d'uma instrucção solida e quanto possivel completa; pelas riquezas d'uma intelligencia e d'um espirito aberto a todas as grandes concepções e a todos os nobres ideaes; pelos thesoiros inapreciaveis d'um coração cheio d'amor, capaz de todos os sublimes sacrificios e de todas as devoções sublimes; pela plenitude, pela lucidez, pela clarividencia, em summa, d'uma rasão forte e independente e d'uma consciencia recta e inquebrantavel.

Façam-se admirar por isto, essencialmente por isto; e nada receiem as mulheres: que, longe de perderem o amor do homem, assim é que hão de ganhal-o, seguramente.

Quanto ao homem—aos que, no seu ciume egoista, imaginam que, uma vez emancipada a mulher, já ella lhes não pertencerá tão por completo como agora—a esses lhes affirmo eu aqui que, agora, só por excepção é que realmente a possuem: a posse, real e verdadeira, da mulher, tel-a-ão elles unicamente, quando ella, isenta de todas as impulsões externas e a salvo das quotidianas necessidades, se lhes entregue em corpo e alma:—mas corpo que não precise do seu pão e alma que das suas luzes não precise: por amor apenas; amor consciente, que seja, por assim dizer, cerebral, como deve ser todo o perfeito amor.

União em corpo e alma—harmonia de corações e de intelligencias—ambos, o homem e a mulher, pensando coisas altas, sentindo sublimes coisas, ambos superiores em summa: eis o Ideal: tractemos quanto possivel de attingil-o, de approximar-nos d'elle, sequer.

E concluo com as palavras d'um grande poeta adoravel,

que era tambem um grande e adoravel philosopho—Michelet:
—«A mulher pura em quem o homem sentiu verdadeiramen-
«te o seu altar, *que lhe está unida pelo coração, que pensa e quer*
«*como elle*, tem em si propria um mysterio extranho de fe-
«cundidade espiritual que se não descreveu ainda...

E digam-me agora os paes de familia, que têem filhas e no seu futuro se preoccupam, se não é esta emancipação o melhor dote que desejariam poder deixar-lhes; se não é esta emancipação o melhor futuro que desejariam poder prepararlhes emquanto vivos—para ellas não terem, quem sabe?... de morrer ou de cahir, mais tarde, depois, quando ellas forem sosinhas na vida, no mundo...

Beatriz Pinheiro.

SALLA DE VISITAS

De *Mr. PHILÉAS LEBESGUE:*

SONNET D'AUTOMNE

A M.me Beatriz Pinheiro,
à Carlos de Lemos

Ce soir grave d'automne où la lune est penchée,
Blanche comme le sein d'une amante qui dort,
Ce soir étrange et doux fait rêver à la mort,
Et mon âme est en moi comme une urne penchée.

Des pleurs voudraient couler, peut-être de remord,
Peut-être aussi d'effroi pour les choses cachées;
Mes songes de vingt ans sont des feuilles séchées,
Et mon coeur est plus triste encore que le remord.

Que faire au temps qui passe, à l'Heure qui s'écoule,
A la fleur qui s'effeuille, à la chair qui vieillit?
Faut-il vêtir d'amour cet univers qui croule?

Qui dira la Loi sûre à quoi tout obéit,
Et de quels tourbillons s'anime notre gouffre?
Mais je voudrais savoir au moins pourquoi l'on souffre!..

La Neuville-Vault, octobre 1899.

De *ADOLPHO PORTELLA:*

Tragedia lyrica

Primeiro acto:—Scena de campo, odorante de hortelan e madresilva; os beijos do Sol caiem sobre as verdes paisagens como um bando de borboletas doiradas. Pontoando as quintas de negro, abrem-se as arvores em umbellas de sombra e frescura. A meio do palco, um chafariz canta num arrulho de pombas que vão morrer abraçadas, no musgo do tanque, enovelando as azas... D'entre os arvoredos longinquos, na espalda d'um oiteiro, destaca-se a linha do campanario da aldeia; e, á roda, afloram choças e tugurios pobres, d'onde o fumo dos lares sobe em prece... Andam roixinoes a recitar poesias pela cabelleira destrançada dos chorões, lacrimosos á beira do rio.

Um grupo de fonteirinhas da aldeia, de saias claras e pés nus, cantam ao derredor do chafariz cantigas d'amor, apageando o cantar dos passaros:

Tenho um alfôbre de amores
No canteiro do meu seio;
Teus beijos são agua fresca
Que lhe correm pelo meio...

—Então a Fidalguinha sempre casa?

—Não que as fidalgas não se fizeram para freiras...

—E o noivo é lindo como os amores...

Entra pelo fundo o sr. Dom Luiz do Almiar. O alvoroço das raparigas cala a musica da agua nas infuzas.

—Boas tardes, raparigas. Adeus, Anninhas; adeus, Rozita... *(Olhando-as com ternura:)* Vejam lá... Vai a gente ca-

zar-se, e deixa assim estas lindas caras, sem um beijo que lhes diga adeus...

—Falle de largo, senhor Dom Luiz...

—Olha agora o desproposito!... Se vem por ahi a sua noiva...

E, em revoada pela scena, as fonteiras furtam-se por detraz das arvores, correndo em grita:

—Sume-te! sume-te!

Rapidamente, tudo torna aos seus logares. Do fundo, surge a figura biblica do senhor Prior. Tão velhinho e tão corcovado, faz respeito. Parece que traz sobre a cabeça a pomba do Espirito-Santo a peneirar farinha—tão brancos tem os cabellos!

(Reparando em Dom Luiz; áparte:)

—Gavião num pombal...

—A sua benção, meu padrinho.

E o velho abençôa-as todas, num gesto largo, d'uma grande poezia.—O Sol dá de travez na copa das arvores, onde a orchestra dos passaros se vai desvanecendo lentamente, a morrer, numa bucolica jornada para o sonho...

—Senhor Dom Luiz! senhor Dom Luiz! *(Reprehensivo:)* Não se fazem bôdas em vesperas de noivado...—diz o velho.

E as raparigas acodem:

—Era a brincar, meu padrinho. Mal nos tocou...

—Foi graça do Fidalguinho...

—Cabeças leves, almas ingenuas...—Diz-lhes assim o Prior—Abre-se o Ceu para as boas-almas, e o Ceu esperavos, minhas filhas.. *(Approximando-se do fidalguinho e cumprimentando-o:)* Senhor Dom Luiz...

E o fidalguinho furta-se da sombra, onde se occultara ao chegar o bom do velho.

—*(Beijando-lhe a mão:)* Boas tardes, senhor Prior...

—Trago-lhe novas da sua noiva. Anda alli, no rio, mais a sua irman, a remar. Fez-me gosto vel-as tão juntas. Mas o leme ia sem timoneiro, o barco á véla, e, ás duas por tres...

Beijando-lhe as mãos de novo, Dom Luiz sae apressadamente.

—Cabeça leve, alma ingenua! Abre-se o Ceu para as boas almas, e o Ceu espera-o de portas á franca...

(Cae o panno).

*
* *

Segundo acto:— Pateo do palacio da Fidalguinha. E' de tarde, ao lusco-fusco: tarde de junho, quente, acariciadora. Um tanque d'agua repuxa d'entre um moitão de malvaiscos. Raparigas vão cantando e dansando, á roda, mãos-dadas, numa compassada ondulação... Senhoras fidalgas e senhores passeiam na sacada do palacio, a ouvir os descantes:

Viva a nossa Fidalguinha,
Ramalhete d'alecrim!
Não ha cravo nem ha rosa
Mais bonita no jardim!

E as violas vão tangendo no accento rustico das ribaldeiras. Ao dansar, os pares fazem cadeia cerrada; e, dentro d'ella, o cantador vae pondo em muzica o que anda disperso pelo coração de todos os dansadores.

Os noivos descem ao pateo.

Viva o Noivo, mail-a a Noiva,
Duas joias num annel...
Deus lhes dê de prata e oiro
A sua lua de mel!

O senhor Prior anda triste no meio d'aquellas folganças todas. A sua figura parece que se acurva mais, talvez para esconder a melancolia que lhe anda a boiar nos olhos.

O Noivo, olhando em derredor:

—Faz luar na alma d'esta boa gente! Consola ver a ale-

gria que rompe do seu peito, a rir como as crianças ou como os velhinhos á lareira quando recordam os tempos felizes...

A Noiva entristece-se; e sente-se que a tristeza lhe suffoca a alma encarcerada.

Ouve-se nisto, destacadamente, confusa no arruido dos cantares, a voz d'um cavador, emquanto a lua vem subindo já:

—Nuvens ao pé da lua quando nasce... Mau agoiro! Temos por ahi chuvas, certamente, lá para os meiados da semana...

Os Fidalguinhos passeiam tristes, longe do bulicio da dansa.

—Mas não me condemnes a passar aqui a nossa lua de mel!—diz ella.—E' uma tortura... Leva-me para longe, para muito longe, onde haja outro sol, outras alegrias...

—Fica vasio o nosso pombal...

—*(Febrilmente:)* Ha lá fóra as cidades do prazer a acenarem por mim... Vamos!

—Mas a aldeia é tão linda e tão gazalhadora á roda d'um noivado feliz!... *(Ouve-se o arrulhar d'um beijo).* Repara como até as silvas dos cômoros dobram os espinhos, quando a gente passa...

Vae chegando a noite, pouco a pouco, a vestir tudo de prata e chumbo. Parece um caixão de defunto, a abrir-se pelo ar...

O senhor Prior vem despedir-se dos Noivos.

—São horas de ir á minha reza. Boa-noite... Então sempre retiram ámanhan, Senhor Dom Luiz?

—Amanhan mesmo. Minha Noiva quer...

—Boa jornada façam, e que a Senhora da Guia os acompanhe!

Com o fechar da noite, somnolentas as violas, a derradeira cantiga diz assim:

Boa-noite, Fidalguinhos,
São horas de debandar.
Deus lhes dê tantas venturas
Como de areias ao mar!...

(Cae o panno, lentamente).

*
* *

Terceiro acto:—Cidade do luxo e do vicio. Andam brazões e farrapos á tona das avenidas, numa dansa bacchanal que se reflecte nos cristaes. O esplendor da opulencia pompeia ovante como num grande poema de miseria humana. Rodam carruagens aristocraticas ao longo dos jardins. Um grande Tejo, ao fundo, crivado de gáveas abertas em aza de cegonha, espreguiça-se, azul e tentador, convidando os escravos da miseria a suffocarem o pesadello na frescura das suas aguas, á flor das quaes os catraeiros cantam desgraças d'uma patria aventureira que já morreu...—Roçagantes velludos agitam-se em febre, no asfalto...

Não se vê sol nem lua sob este Ceu tragico, donde os passaros emigram, espavoridos.

Dois noivos passam:—Ella vae, de olhos negros, triumphal, deixando atraz de si uma cauda de admirações—almas extazeadas que lhe vão prezas á orla do vestido. Ricos homens saúdam-na, curvando-se.

Olhos de vaidade, esses lindos olhos de mulher peccadora buscam no espesso da multidão, como numa muralha cerrada, um portal aberto, um portal livre que dê para outro mundo, para outros mundos novos, onde haja mais sol e mais mar-largo para navegar a todo o panno dos seus caprichos!...

E o noivo concentra-se numa ideia, sombriamente:

—Aborrece tanta vida!

E ella, de olhos negros sempre em lume, absorve-se num pensamento de peccado:

—Quem me dera ser rainha de todos os homens!

Ha, no fundo da scena, a fachada d'um templo, e, logo ao lado, abre-se o boqueirão pôdre d'uma sargeta.—Levanta-se defronte a architectura bizarra d'um grande colyseu, onde uma orchestra monumental atrôa as abobadas.—Duas mendigas, num vão d'escada, murmuram padre-nossos que não acham resposta no coração de quem passa.

D'entre a multidão *(vae caindo a tarde num poente de sangue...)* destaca-se a figura olympica d'um cavalheiro, passeiando ao longo da avenida, com um soberbo desdem por todas as mulheres que o aclamam com o olhar.

E, mal elle passa, diz o Noivo:

—Faz mal tanta febre!

E ella, d'olhos negros em chamma, remóe lá dentro as palavras tenebrozas:

—Quem me dera ser rainha d'aquelle rei!

(Cae o panno, rapido.)

*

* *

Quarto acto:—A mesma scena do primeiro. Batem trindades, longe, no campanario. Revôam os passaros á roda dos laranjais. Hora mistica do anoitecer!... A lua sobe nos montes, como uma grande lagrima que Deus chorasse...

O Fidalguinho, com a cabeça poisada no regaço da irman, espreita o Ceu, com a ingenuidade das crianças—decerto a procurar na poeira das estrellas uma grande alegria que lhe fugiu...

E, concentrado, a caminho da rezidencia, o velho Prior vae fallando assim:

—Estava escripto!... Cabeça leve, alma doida... Abre-se o Ceu para os peccadores... e o Ceu espera-a tambem para lhe perdoar os peccados... Louvado seja o Senhor!

E vae rezando, d'olhos illuminados.

De *SEVERO PORTELLA*

EXCERPTO DO LIVRO TERRA DO EXILIO, A APPAREGER EM POUCO

> Porque eis que eu estou para crear uns ceos novos, e uma terra nova: e não haverá mais lembrança das primeiras cousas; nem ellas te subirão mais ao teu coração.
>
> *Isaias, Cap. LXV*

VI

Sob o silencio

Dá luar nas almas e mãos invisiveis as amparam e lhes dão conchego. Em canaes silenciosos, occultas flores entreabrem sob a frescura do poente, e uma translucida esteira a nossos pés se rasga indefinida que, para nos levar ao ceo, apenas falta que uma fé segura nos aperceba de coragem. Pela contemplação do que melhor se sonhe, obscureça-se todo o passado martyrio da nossa vida sem sol e traga-se bem para defronte do nosso peito alanceado o delicioso mysterio que alem já se vae desnudar.

E' tempo de uma chuva de graças orvalhar as almas. Dentro de nós a natureza é tragica e sombria como não deixaria de sel-o tendo de alimentar-se de treva e de sangue derramado. A terra nada desencanta que não seja dôr e dôr sem consolo. Penamos, atrozmente penamos neste valle de agonia, e as quatro paredes vãs da nossa casa deixam declinar para a morte e para o esquecimento tudo quanto ahi se idealisa. Nenhum sentimento foi ainda digno de nós proprios antes minguadas intenções atalham o mais fervoroso dos nossos fitos. Tudo erguido do barro ruim do egoismo, fez com que cada qual mais cuidasse da vaidade dos olhos que da satisfação da consciencia e eis que podendo termos sido bons fomos apenas miseraveis.

E' porem um dever de virtude darmos rasão a nossa alma, a unica que não mentiu ou peccou. Alembremo-nos das vezes sem conto em que a triste intentou por furtar-se ao lodo com que lhe cortamos o vôo em busca do espaço silencioso e sereno, em arroubo mystico tão afóra da carne que a prende. Alembremo-nos dos fugitivos instantes em que nos sentimos sãos e que, se o não impedisse um viciado impulso, teriamos podido erguer sobre a terra immemoriaes padrões de bondade. Alembremo-nos quão de perto e em ditosa hora, entrevimos já o ceo e que se um dia, ao menos, tivessemos animo elle ante nós se descobriria em toda a sua celeste e bemfazeja gloria!...

Ha e houve, pois, farto motivo para ser bom. O que nos perdeu foi não termos feito da terra amarga em que vivemos o paraiso de divinas delicias em que teria sido possivel convertel-a, uma vez que deixassemos de a olhar como reclusão sombria de precitos. Hortos, pinheiraes, lagoas, tudo florescia num religioso silencio em que almas sobrenadam e era tanto o luar de graça que até ao fundo descia das tristes cisternas solitarias. Entretanto, o homem estremou-se em abandonar retiros de meditação e como o mundo era deserto principiou desde então a atravessal-o a voz ferida das cousas, lamento...

Obra esteril de vaidade, em que tantas lagrimas em vão choramos, as nossas mãos ergueram. Foram semeados de pedregulhos e de dôres as mais compridas estradas do mundo e nem um só passo adeantamos para a luz que para o opposto logar ia nascendo. Abreviamos o dia da existencia a duas ou tres horas, que são esses piedosos rasgos da nossa vida, e deixamos que todo o resto se consumisse em torturas sem fructo. Tapamos a terra e, ai de nós! não pensamos que o que andavamos fazendo era escurecer o ceo. Em vez de caminharmos parámos, em vez de subir para o alto precipitámo-nos para o frio da valla. Pois que? Porventura, ser-me-á dado

dizer que sou feliz, eu que fui apenas caridoso podendo ter feito obra que enchesse o mundo?! De transitorias ideias preenchemos o coração e logar de passagem chamamos á vida. Porfiamos em ser felizes e d'ahi nos vem o ser-nos apego qualquer mesquinha esperança...

Eis, comtudo, que uma epocha de ouro vem surgindo. Ao de cimo das almas uma harmonia ineffavel por nós vem chamar e ao longe uns novos ceos nos apparecem. Estranho reino é este em que anjos, pela bocca das coisas humildes, fallam das consoladoras doçuras que são recompensa do travôr em que, por errada via, penou immersa a nossa alma. Presentem tristes que as almas se entenderão sem outra communicação que não seja esse perfume maravilhoso de bondade que até agora tem andado escondido. Como doces theorias cantando, perpassará um halito divino na fronte dos homens que vão deixar vaidades para retomar perdidas azas de cherubins. Subam para o alto aquelles d'esta mystica caravana de sonho que melhor saibam escutar a voz do Senhor. Nos cumes altos das serranias só nevoas alastram, e ninguem ao ver-nos tão chorosos, nos ousaria deter, ainda quando tal entrada fosse defendida por leões. Por tintas fluidas, representemos aos pobres de espirito e aos desterrados da ventura, o que de melhor convenha para em boa paz accolherem esse fresco orvalho que do ceo Deus nos vae ceder. Aos tristes consolemos sem vaidade, e aos que andam transviados encaminhemos sem soberba, a uns e outros atirando em symbolo de alliança um pouco d'este fulvo ouro que ás mãos cheias já sobre nós vem chovendo. Aos nus vistamol-os de mantos de graça que são lã de agasalho, aos cegos tomemol-os pela mão. Ha feridas a sarar nos corações de muitos, e ha choupanas sem tecto que é caridade cobrir. Um tal penou a vida inteira e não teve bem-aventurança, e um outro perdeu os filhos num naufragio, e como as d'estes as chagas ás mil para as quaes toda a doçura é pouca. De obras firmes como columnas povoemos a terra. Que, para alem d'esta miserrima existencia de degredo, a nos-

sa alma desabroche numa fonte inexgotavel de allivios. Abrigadas no fundo da nossa natureza relumbrantes pedrarias se criam. Ha em cada um de nós uma subtil ligação com o ceo, como se delicado fio prendesse a nossa vontade ás inspirações dos anjos. Ninguem nasce abandonado de Deus, e é a confiança na divina recompensa que nos manda abrir o coração para nas frescas aguas da fé o desencalmarmos. Assim como é a Morte que affirma esta correspondencia (porque a serena Morte é o devido termo da nossa vida) assim tambem é o errado trilho que a afrouxa.

E' por isso que á cabeceira do justo um clarão de luar se accende que em anjo o transfigura, e que os olhos do reprobo encovam e parecem comidos de terra como os das caveiras.

Eis, comtudo, que uma epocha de ouro vem surgindo. E' o que nos reconcavos ignorados do nosso ser existe de religiosamente saudavel quem a prepara, esperançando-nos com isto que vae breve, a passar, a nevoa caliginosa do mal. Entrevê-se desde já para alem das almas a região encantada que nos espera, mostrando-nos que não era falsa a voz do Propheta que a obedientes povos dizia andar o Senhor construindo uns outros ceos, uma outra terra, onde saudades de velhos tormentos nos não iriam maguar.

Com mãos prodigas por todos será repartida a felicidade. Nos pincaros azulados onde só a alma transparece a mesma vibração a todos faz estremecer. Como cadeias umas nas outras entrançadas são todas as almas. Sob o silencio o mau e o bom são eguaes, e por isso não ha sombras mais ou menos espessas, antes a harmonia é por toda a parte inquebrantavel. Saibam evitar o vento, e não ha arvores frageis nem arvores robustas, mas sim uma floresta perfeita de uma frescura por toda ella egual.

E', pois, verdade que uma epocha de ouro vem surgindo. Uniformes, todas as almas ascendem para a luz, ataviando-se

de gallas e sem temor para essa serena caminhada. Na natureza não ha maus nem bons, mas sim um ou outro muro a entaipar caminho, uma ou outra onda turgida a transpôr onde timidos se poderão arreceiar. Em olhos de crime eu soletro bondades, como entre carvões se refugiam diamantes. Em mãos tintas de sangue homicida eu vejo caricias infinitas para enfermos e martyres. Acima da terra do exilio onde penamos, doçuras esvoaçam que só lhes falta attingirem os ares para se desabotoarem mais fulgidas que constellações.

De *SEBASTIÃO DE CARVALHO:*

SONETO

Da vista para sempre se apartou,
E ainda a voz lhe escuta o meu ouvido!
Se p'ra longe o destino m'a levou,
Nunca a magua a apartou do meu sentido!

Se por meu grande mal que me ficou
O bem jamais sentisse de a haver tido,
Era eu bem mais diverso do que sou,
Tão outro do que fui, teria sido!

Melhor fôra antes nunca conhecel-a:
Se tudo para mim era perdido,
Morta a esperança de tornar a vêl-a,

Nunca me tivesse ella apparecido!
E, no emtanto, se houvesse de perdel-a,
Eu bem quizera tel-a conhecido!

ORAÇÃO

(Emquanto meu filho dorme...)

Tombae do ceo, a flux, mansas, piedosas,
Consolações bemditas, religiosas!

E das tuas mãos, Senhora da Bonança,
Chovam graças num Iris d'alliança:

Como da lua — hostia de sonho errante —
O esplendor lactescente, angelisante...

Sob o extase do ceo, todo florido,
Ao longe o mar, nem se ouça — embevecido!...

Tremam d'amor os lyrios na devesa,
Todo o ar a vestirem de pureza!...

Tremam na haste, pallidos d'amor,
Sob os ceos de suavissimo esplendor!...

E na doce, na etherea paz dos ninhos,
Flebil, suspire a voz dos passarinhos!

Rescenda a brisa morna e langorosa
— Halito d'ave a florescer em rosa!

Avoêje a brisa pelos ceos de gaza
— Pet'la de rosa a recortar-se em asa!

Rescenda e avoêje pelo ether, d'onde
A' nossa alma a Alma-Irmã responde!

Sopro, Fluido, Luz... Flammas fugidias:
Fluctuae, fluctuae, num rio d'harmonias,

Nos silencios algentes e profundos
Em que jazem, somnambulos, os mundos...

Façam-se ouvir na terra adormecida
As musicas de sonho d'Outra-Vida:

Theorbas invisiveis, dedilhadas
Por mãos de fluido, espiritualisadas...

Luz do ceo,—do ceo desça á terra escura!
Luz da alma,—ás Almas desça a dar-lhes cura!

Oh Luz, que só p'r'á Alma é que és visivel:
Saborosa e harmoniosa:—indefinivel!

Como a d'um Sol que em cysne se tornasse,
Cuja voz fosse mel, quando cantasse!

Luz, que na verdade só és luz... á mingua
D'um nome proprio a dar-te em nossa lingua:

Luz transcendente, mystica, ambrosiaca,
Astral, etherea, espiritual, isiaca!

E tu, Anjo-da-Guarda, que lá do Alto
Vês meu filho a dormir sem sobresalto,

Num somno em que talvez só haja o anceio
Do Mundo d'onde o vês — d'onde elle veio...

Ergue-me entre elle e o Mal, se eu não lhe acudo,
A tua asa de luz, como um escudo:

Faze-lhe as minhas vezes: guarda-o bem:
E um dia que eu lhe falte... sê-lhe Mãe!

Faz'-lhe da Vida uma ascenção aos Ceos...
— Para ti; para o Sonho; para Deus!

BEATRIZ PINHEIRO.

A Emancipação da mulher

(Ainda o artigo do Rev.º Padre Senna Freitas)

NÃO é bem a proposito do artigo do Rev.º Padre Senna Freitas; mas sim a proposito do meu artigo, publicado no fasciculo anterior da *Ave-Azul,* em que me permitti dizer, muito desassombradamente, o que d'elle pensava, mostrando, creio-o, a todos a sua inanidade.

Mandámos esse numero da *Ave-Azul* a Sua Rev.ª por intermedio da *Tribuna* que lhe publicara o artigo.

Mandamol-o tambem á redacção da *Alliança* que o transcrevera.

Mandamol-o ainda á redacção do *Correio Nacional,* cujo collaborador S. Rev.ª é.

Até hoje, nem S. Rev.ª nem nenhum d'aquelles tres periodicos, que eu saiba, se resolveu a dizer algo sobre o caso.

Concluo — e nisto não ha vaidade; ha apenas logica, baseada, quando mais não fosse, no proloquio bem conhecido: — *quem cala...* — concluo que as minhas rasões quadraram a S. Rev.ª e ás illustradas redacções da *Tribuna,* da *Alliança* e do *Correio Nacional;* fallo d'este ultimo, porque, por dever de boa camaradagem, quando não por amor da verdade, deveria, se as minhas ideias não fossem rasoaveis, sahir a terreiro em defeza das de S. Rev.ª.

Se pois, nenhuma d'aquellas redacções me rebateu as considerações feitas, deve ter sido porque — *amicus... Senna Freitas; sed magis amica veritas.*

Por desconsideração, não quero sequer suppol-o: a *Ave-Azul* é uma revista que não rebaixa (temos a consciencia d'isso: o que nos não devanece; estimula-nos) que não rebaixa quem com ella terce armas.

Por attenção á senhora que comigo dirige a *Ave-Azul,* tambem não é admissivel: fizemos, desde começo, a declaração de que dos dois directores cada um era só responsavel, perante a critica, pelo que assignasse.

Dizia assim uma das *Advertencias* feitas na capa dos primeiros numeros: — «Perante a critica, os directores da *Ave-*

«*Azul* são apenas responsaveis pelo que cada um assigna: se «bem que solidarios em tudo, permittem-se esta restricção — «para evitar possiveis equivocos.

E, em summa, por me não julgar S. Rev.ª e me não julgarem aquellas redacções (a algumas das quaes devo palavras de elogio que não esqueço) digno de resposta, fôra offendel-os, e muito, passar-me sequer tal ideia pela cabeça.—O que está em juiso é o artigo de S. Rev.ª e é o meu artigo; não a individualidade de S. Rev.ª que vale muitissimo, nem tãopouco a minha individualidade que pode não valer nada.

Ora, postas assim de parte as nossas individualidades e julgados apenas os artigos em questão, imparcial e independentemente, — estamos certo de que o prato da balança pesará para o nosso lado e a nosso favor. Nesse sentido mesmo já a imprensa de Lisboa e do Porto (não fallo da da provincia) se pronunciou.

Para prova (e por ter esses jornaes á mão) transcrevo da *Tarde* e da *Vanguarda* as palavras com que se dignaram accolher o ultimo numero da *Ave-Azul*.

Diz assim a *Tarde:*

«AVE-AZUL.—E' esta a revista que melhor condensa o abundoso movimento intellectivo latino.

«Superiormente dirigida por dois espiritos de eleição como são D. Beatriz Pinheiro e o dr. Carlos de Lemos, a *Ave-Azul* occupa hoje no meio intellectual um logar culminante mercê da maneira como as suas secções são prehenchidas. Porque sabe com inegualavel talento em suas paginas ventilar as questões mais palpitantes, a revista a que me refiro, embora apenas com um anno de publicidade, é credora das attenções de todos quantos por coisas de arte e de critica se interessam.

«Do summario do fasciculo 10, que ora acaba de ser dado á luz, destaco, para os recommendar á attenção dos que lêem, tres artigos cheios de opportunidade. São elles, por sua ordem, a «Chronica» de D. Beatriz Pinheiro, o «Sonho da Torrente» de J. Agostinho d'Oliveira e «A emancipação da mulher» (analyse critica) de Carlos de Lemos.

«A Chronica» de D. Beatriz Pinheiro é uma bem elaborada critica ao movimento sympathico da paz que atravez do egoismo dominante, lucta por triumphar; o «Sonho da Torrente» é uma formosa poesia trabalhada sobre um poemeto de D. Beatriz Pinheiro; e «A emancipação da mulher» é um scintillante e erudito artigo de refutação a umas fugidias apreciações do sr. padre Senna Freitas, artigo em que Carlos de Lemos se evidencia possuidor de uma solida orientação, e tão pujante é ella, que muito mal ferido, parece-nos, deixa o sr. Senna Freitas.

«O artigo de D. Beatriz Pinheiro publical-o-hemos na integra, manifestando assim a nossa homenagem á auctora e a nossa adhesão sincera ás ideias nelle contidas.

«Do artigo de Carlos de Lemos daremos em breve um excerpto aos nossos leitores, acompanhando-o, se possivel fôr, de uma nota critica.»

E a *Vanguarda:*

«*Ave-Azul*, revista de arte e critica, directores Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos.=Acabamos de receber o fasciculo 10 da 1.ª serie, e devemos confessar que, no ponto de vista das ideias, é uma das publicações mais curiosas e interessantes das que vêem a luz publica em Portugal. Este numero recommenda-se por dois artigos brilhantissimos, um da sr.ª D. Beatriz Pinheiro, sobre o movimento pacifico e em especial sobre a *Liga Portugueza da Paz*, e outro do sr. Carlos de Lemos, ácerca da emancipação da mulher, em que rebate com notavel elevação, um artigo, tão absurdo como infundado do padre Senna Freitas, sobre o mesmo assumpto. Felicitamos enthusiasticamente os directores da *Ave-Azul*, pela sua nobilissima propaganda, que, por egual, honra o paiz e os ideaes humanitarios. Havemos de ter occasião de consagrar a esta revista, aliás bem rara entre nós, um artigo especial e desenvolvido, como homenagem merecida á independencia dos seus redactores.

E finalmente, permittam-me transcrever ainda, do longo artigo elogiosissimo que o venerando publicista e critico snr. dr. Rodrigo Velloso se dignou consagrar ao n.º 10 da *Ave-Azul*, no ultimo n.º da sua excellente *Aurora do Cavado*, essas poucas linhas relativas ao artigo em questão:

... Ao artigo do sr. dr. Carlos de Lemos, o eminente e consciente critico, sobre o escripto que o rev. sr. Senna Freitas, a quem aliás mui considero por seus talentos e saber, publicou na *Tribuna* acerca da «Emancipação da mulher», dou pleno assentimento e todo o meu applauso, sem que para isso me faça cargo de entrar no amago da ponderosissima questão, que muito para considerar como a mais importante talvez em seu fundo das tantas que actualmente agitam a sociedade, e uma das a que se torna urgentissimo prover de adquada e condigna solução. Castiga nesse seu artigo, severa mas justiceiramente, o sr. Carlos de Lemos o modo por que o sr. padre Senna Freitas, esquecido do que devia a si, ao seu nome, ao seu caracter de homem e de sacerdote, e aos seus talentos e saber, desceu á liça, despido o habito talar, e envergado o de chocarreiro jogral, a jogar e terçar botes e lançadas pouco felizes, e de todo o ponto ingratos, contra a «emancipação da mulher» e os que por esta propugnam!... Applaudo, repito, e com todas as veras a critica do snr. Carlos de Lemos, e nunca as mãos lhe dôam!...

Assim, S. Rev.ª que não responde, é porque o temos convertido ás ideias expostas no meu artigo; e, se o não declara, é por um mal entendido pudor que bom fôra dominasse...

E, se assim não é, rogo a S. Rev.ª a caridade de me explicar então o seu mysterioso e algo compromettedor silencio; e das Ex.mas Redacções da *Tribuna*, da *Alliança* e do *Correio Nacional*, esperamos que, em testemunho de leal camaradagem, nos digam o que pensam d'aquelle meu artigo a que tenho um certo apego, porque nelle expuz ideias que me estão

enraizadas cá muito dentro no cerebro — e no coração tambem.

A' Redacção da *Educação Nacional*, que prometteu referir-se em outro numero ao meu artigo, pedimos-lhe tambem que, logo que possivel seja, dê cumprimento á promessa que muito lhe agradecemos.

*
* *

Aos meus leitores algumas palavras devo tambem de explicação.

A muitos, meticulosos em questões de civilidade, deveu parecer-lhes a linguagem do meu artigo do n.º anterior menos conforme aos preceitos da cortezia, aqui peccando por demasiado ligeira, por em demasia carregada alem: lembrarei só, não como justificação, (que não pretendo eu justificar faltas minhas com as faltas dos outros) mas como attenuante, que d'umas e d'outras demasias me dera exemplo o Rev.º Padre Senna Freitas, em quem ellas eram muito mais de censurar — pelo seu ministerio e ainda pela sua edade.

A outros, meticulosos esses em questões de orthodoxia, deveu parecer-lhes por ventura menos conforme aos principios da boa doutrina o uso, aqui ou acolá, d'um ou d'outro termo apparentemente, e só apparentemente, equivoco. Assim o epitheto *furioso* dado a S. Athanasio e o de *allucinada* applicado a Joanna d'Arc.

A esses taes direi que o epitheto *furioso* o empreguei no melhor dos seus significados...

Camões empregou *furia* no sentido de *estro:* e rasoavelmente, vista a etymologia; porquanto o verbo grego, d'onde deriva o verbo latino *furo,* tambem significa *estar inspirado*... Ha mais: os Antigos chamavam as Furias *scelerum ultrices Deae:* e, na tragedia de Eschilo, convertem-se ellas nas Eumenides — *as boas deusas,* conselheiras do Amor...

Quanto ao epitheto *allucinada* empreguei-o como synonimo de exaltada ou apaixonada: e aqui protesto que sou dos que creio ter sido Joanna d'Arc uma inspirada; não uma *relapsa,* como os bispos que a condemnaram á fogueira...

De resto, tambem S. Rev.ª, neste ponto, me deu o exemplo...

A outros ainda, o eu voltar ao assumpto, tendo deixado, da primeira, o Rev.º Padre Senna Freitas mal collocado, poderá parecer-lhes abuso de força.

A esses direi, que, se elles assim o julgam, muitos haverá que tomem o silencio de S. Rev.ª como testemunho da força d'elle e ainda como signal do seu menospreso pelas ideias que no artigo sustentei. São para esses as paginas d'agora.

CARLOS DE LEMOS

Liga Portugueza da Paz

Na sua sessão de 15 do corrente, diz-nos o *Seculo* que foi lido e approvado com enthusiasmo o seguinte projecto de protesto contra a guerra que a Inglaterra está fazendo ás republicas do Transwaal e de Orange—protesto que será profusamente espalhado no paiz e remettido em francez a todas as sociedades de paz e arbitragem do estrangeiro. Dando-lhe publicidade nas paginas da *Ave Azul*, queremos assim mostrar-lhe a nossa calorosissima adhesão: é como segue:

«A Liga Portugueza da Paz que, ainda mal fundada, soffreu as consequencias da dispersão de quasi todos os seus membros, durante as longas ferias do verão, considera apenas indicados os seus trabalhos, que agora vae proseguir com o ardor da convicção mais profunda.

«Occasiona uma triste coincidencia que o primeiro acto publico da Liga, no momento em que pretende fortificar e justificar a sua constituição, seja este protesto que levantamos, perante o nosso paiz e perante todas as sociedades pacificas nossas irmãs, contra o inqualificavel procedimento do Estado Inglez para com a florescente e esperançosa republica do Transwaal. E importa assignalar que é contra a feroz ambição do «Estado» na Inglaterra que se levanta a nossa indignação, porque a verdade e a justiça mandam dizer que, dentro da nação ingleza, não só as suas sociedades pacificas procuraram de todos os modos impedir esta guerra infamissima, mas a attitude geral do povo britannico é a da censura e reprovação ao procedimento do seu governo.

«Aggremiação composta de poucos milhões de almas, a quem naturalmente repugna a estranha theoria de que as «nações pequenas» devem desapparecer do mappa da civilisação,

Portugal tem particular interesse na sorte da já hoje heroica republica do Transwaal, com quem aliás sempre manteve as mais amaveis relações de boa visinhança.

«Num movimento de enthusiasmo e de fé, a «Liga Portugueza da Paz» fundou-se em 18 de maio ultimo, pela mesma hora em que se abria a Conferencia Inter-governamental de Haya, que rasgou um horisonte de largas esperanças em todos os amigos da paz e propugnadores do alto ideal de fraternisação humana, cujo elemento essencial é a eliminação da guerra.

«O principio de solidariedade universal, proclamado naquella conferencia, acaba de ser brutalmente postergado por uma nação cujo adiantamento na escala ascencional do progresso humano torna maior a sua responsabilidade moral, e mais escandaloso o facto inaudito que a vem annullar.

«Seja qual fôr o resultado d'esta guerra, ella ficará sellando com uma mancha ignominiosa o fecho do seculo que está a findar! E vá a quem fôr a victoria, ella representará uma enorme calamidade para a Inglaterra e para o Transwaal, porque a ambas estas nações caberá uma enorme lista de orphãos e de desamparados, a quem o monstro da guerra terá tragado todas essas esperanças de felicidade e alegria.

«Juntemos o nosso brado ao côro de execrações que neste momento fustigam a mesquinha politica ingleza. E, já que nós não temos a entibiar-nos o gesto, e a dulcificar-nos as falsas suggestões da diplomacia arteira e cavillosa, ergamos bem alto a nossa voz, reforçando o brado dos nossos amigos de todos os pontos: «Abaixo a sociedade ambiciosa, o vandalismo extemporaneo, o latrocinio hypocrita!»

*

Na mesma sessão, diz ainda o *Seculo:*

—«O sr. dr. Magalhães Lima referiu-se com elogio á ca«lorosa adhesão da sr.ª D. Beatriz Pinheiro, publicada na *Ave «Azul,* de Vizeu, de que é directora, e depois transcripta na «*Tarde.*»

Ao notavel orador e illustre Vice-Presidente da *Liga Portugueza da Paz* agradecemos a amabilissima referencia; e á *Tarde* de Lisboa e á *Educação Nacional* do Porto—a honra que nos deram da transcripção da *Chronica* do fasciculo anterior, tanto mais de penhorar quanto a precederam de palavras elogiosas que só provam quanto são sympathicas e justas as ideias nella expostas.

A Direcção.

CARTEIRA DA AVE-AZUL

Mr. Ary René d Yvermont (A. Parthenis):—Realisou-se ha tempo o casamento, em todo o sentido auspiciosissimo, do illustre poeta do *Chants de l'âme* com M.lle Julienne Touvoye.

Participaram o casamento, pela Noiva, seu Exm.º Pae, Mr. Ferdinand Touvoye; pelo Noivo, seus Ex.mos Tios, os Srs. Conde e Condessa Fusco dei Cerasoli.

Depois d'uma excursão á Noruega e á Hollanda, onde o illustre Poeta foi convidado a fazer uma serie de conferencias interessantissimas, Mr. Ary René assentou residencia no Méru (Oise), d'onde nos escreveu, remettendo-nos uma interessante novella inedita—conflicto curioso e pungente de amor e remorso—com o titulo *Implacable*, que será para os nossos leitores o nosso brinde do Natal, e precioso brinde, como verão.

Que a vida lhes seja a ambos, doravante, uma ineffavel e inninterrupta Lua-de-mel; e os jubilos do noivado inspirem, e para muito breve, ao querido e emocional Poeta novos poemas encantadores,—agora que, mais do que nunca, elle pode dizer-nos:

Car tout a repris vie et flamme,
Mon coeur chant le renouveau...

são os votos sincerissimos que muito do imo d'alma faz a Direcção da *Ave-Azul*.

*
* *

L'Humanité Nouvelle:— Esta excellente Revista-Internacional de sciencias, lettras e artes,—innegavelmente, uma das mais bem escriptas em lingua franceza—dirigida, na parte scientifica, por M.r A. Hamon e, na parte litteraria, por M.r E. Michelet, dá, em todos os seus numeros, sob a rubrica *Livres et Revues*, relação de todos os livros scientificos e litterarios em todas as linguas. Os auctores e editores portuguezes muito lucrarão pois, enviando as obras que publicarem á Redacção de *L'Humanité Nouvelle*, 15, R.e des Saints-Pères, Paris. Enviam o numero justificativo.